

OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Medusa ao Reverso: Ressonâncias Míticas da Obra Escultórica de Camille Claudel em um Processo de Criação em Dança**. Campinas: Unicamp, Doutorado em Artes da Cena. Bailarina e Pesquisadora-Intérprete.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as possíveis relações entre imagens míticas e corpo no âmbito da criação artística, tendo como inspiração poética a obra escultórica de Camille Claudel. Do ponto de vista somático, relações entre corpo e mito somente se estabelecem pela própria vivência somática, sendo que Keleman (2001) chega a desenvolver o conceito de “Corpar o Mito”, localizando no corpo a expressividade de aspectos míticos. Desta forma, o bailarino poderia experienciar uma via de mão dupla entre corpo e mitologia, explorando as possibilidades expressivas do corpo advindas das narrativas míticas, como também descobrir no próprio corpo o mote gerador de tais temáticas universais. Como ferramenta metodológica, utilizamos a Técnica Klauss Vianna como estímulo criativo ao longo dos laboratórios de criação, investigando a maneira pela qual cada tema corporal é capaz de ativar memórias, sensações e qualidades expressivas diferenciadas as quais podem se relacionar e potencializar a vivência no corpo dos mitos recontados por Claudel em suas obras. Tal como uma “medusa ao reverso”, capaz de com o olhar dar vida e movimento às imagens escultóricas de Camille Claudel, pretendemos estabelecer uma rede criativa que comunique o corpo às imagens míticas.

PALAVRAS-CHAVE: Dança: Escultura: Mitologia: Técnica Klauss Vianna

ABSTRACT

This research investigates the possible relationships between body and mythical images within the artistic creation, and as such poetic inspiration, we have the sculptural work of Camille Claudel. The somatic point of view, relations between body and myth are established only by somatic experience itself, and Keleman (2001) comes to developing the concept of "Bodying the Myth" by locating the body expressiveness of mythical aspects. Thus, the dancer could experience a two-way street between body and mythology, exploring the expressive possibilities of the body resulting from mythic narratives, but also discover the body itself the tone generator such universal themes. As a methodological tool, we used the technique Klauss Vianna as creative stimulus over the creation laboratories, investigating the way in which each subject body is able to activate the body memories, sensations, and expressive qualities differentiated which can relate to and enhance the experience in body of myths retold by Claudel in her work. Like a "Medusa in reverse", able to give life with her the look and movement the sculptural images of Camille Claudel, we intend to establish a creative network that communicates body with mythic images.

KEYWORDS: Dance: Sculpture: Mythology: Technique Klauss Vianna

Na VIII ABRACE, tive o prazer de participar da Jornada Novos Pesquisadores, com uma demonstração artística, ainda em processo, a qual intitulei (ao menos provisoriamente) “*Medusa ao Reverso*”. A demonstração foi realizada em um dos painéis da Jornada, realizado no dia 02 de novembro de 2014, tendo como mediadores o Prof. Dr. Alexandre Silva Nunes e a Profa. Dra. Luciana De Fátima Lyra, sendo ambos coordenadores do Grupo Temático Mito, Imagem e Cena. Ter como mediadores e audiência pessoas deste GT foi extremamente enriquecedor para o meu trabalho, oportunizando o diálogo com outros pesquisadores que também têm na mitologia e na imagem alicerces e motes criativos para seus trabalhos investigativos em Artes Cênicas.

Ao longo da pesquisa anterior (mestrado) eu já havia trabalhado com as interfaces entre a Dança e Escultura, tendo um viés mais estrutural de análise corporal das imagens escultóricas; e tive neste estudo como objeto de pesquisa a obra de Camille Claudel, encantando-me pelas flagrantes sensações de movimento por ela emanadas. Mas, ao longo do processo, percebi que outro pungente elemento presente na obra da escultora eram as constantes e intensas aparições de figuras míticas e, o quão intensamente tais imagens permearam de maneira muito natural e até mesmo conciliadora das imagens escultóricas de Claudel às imagens plásticas, cinéticas e sinestésicas (do meu corpo de bailarina) no decorrer do processo criativo. Sendo assim, na atual pesquisa (doutorado), investigo as relações entre corpo e mitologia na criação em dança, tendo mais uma vez como inspiração poética, e fonte de imagens mítica a obra claudeliana.

Sereias, ninfas, parcas, górgonas, deusas e heroínas, enfim, uma infinidade de referências míticas pode ser encontrada na obra de Claudel. E, de fato, pesquisando sua biografia, foi possível constatar que Camille era uma assídua leitora de temas mitológicos, e teve acesso a uma vasta biblioteca acerca desse tema, organizada pelo seu pai. Muito provavelmente tais leituras e o fascínio pelo universo mítico a tenham influenciado na riqueza de referências mitológicas expressas no seu panteão de mulheres escultóricas.

Referências corporais relacionadas aos mitos são abundantemente encontradas nas obras claudelianas. O corpo flácido e carcomido da velha “Cloto” claudeliana nos fala muito sobre a parca mítica; ou, ainda, o eixo corporal inclinado e titubeante de “A Fortuna” nos revela as oscilações dessa deidade mítica do destino. A obra de Camille é capaz de revelar-nos por meio de imagens corpóreas verdadeiros mitos antropomorfizados. Corpos femininos que nos revelam narrativas arcaicas por meio de suas musculaturas, posturas, peles e cabeleiras.

Camille Claudel vivenciou os mitos em sua criação e os recriou tornando-os mais próximos de nossos próprios corpos humanos. É como se a escultora, tal qual nas sociedades arcaicas, revivesse o mito por meio da sua obra, instigando-me, portanto, a revivê-los também em meu corpo. Recitar os mitos por meio da minha dança!

Mas minha inquietação artística e investigativa leva-me ao questionamento de como “*recitar tais mitos*” por meio da minha dança sem cair na armadilha de uma mimese vazia de posturas escultóricas; ou ainda uma

recitação mimética de narrativas míticas sem fazer-me estar de fato imersa no universo mítico.

Não quero partir exclusivamente das imagens externas. Mas de onde partir então? A resposta se faz pela concretude de outra pergunta - O que haveria de mais verdadeiro e concreto à disposição do que o meu corpo? E além de concreto e verdadeiro o corpo seria a ponte perfeita de relações entre as imagens escultóricas (as quais representam corpos humanos); e as imagens míticas, que também remetem ao corpo humano o tempo todo (afinal muitos dos mitos são antropomorfizados contendo formas humanas ou formas híbridas que remetam de alguma maneira à forma humana).

Então decido ter como ponto de partida para a criação o meu próprio corpo. Este corpo que desde 2008 estuda a Técnica Klauss Vianna não teria como negar tantos anos de contato com a técnica e desprezá-la neste momento. Pelo contrário, a intimidade que ao longo do tempo foi sendo construída com os elementos desta técnica, favorece-me agora um arsenal maior de possibilidades de exploração do meu próprio corpo por meio destas, digamos, “ferramentas” já bem conhecidas!

A Técnica Klauss Vianna faz parte da Escola Vianna, uma escola de pensamento sobre o corpo, que tem como base o trabalho de pesquisa desenvolvido por Angel e Klauss Vianna há mais de 50 anos e, de diferentes formas, tem continuidade no trabalho de um grande número de pesquisadores. A pesquisa dos Vianna ficou conhecida como um trabalho de consciência corporal, e hoje pode ser entendida como arte do corpo e educação somática. Na sua prática, o movimento é trabalhado com base no conceito de soma, que reconhece a unidade corpo-mente e se apoia nas relações em rede que estão presentes no funcionamento do corpo, entre seus diversos sistemas e do corpo com o ambiente. A atenção e a escuta são desenvolvidas na construção de um movimento consciente, sem ignorar a conexão entre os conteúdos conscientes e inconscientes na produção de movimento e comunicação (MILLER & NEVES, 2013, p. 01).

Início então meu processo criativo partindo da vivência laboratorial dos temas corporais do Processo Lúdico: Presença, Articulações, Peso, Apoio, Resistência, Oposições e Eixo Global, tendo como hipótese de que cada um destes temas corporais pode conduzir-me a estados distintos que me conectem à memórias, sensações e inevitavelmente aos mitos presentes em meu próprio corpo. As vivências destes temas corporais acabam funcionando no meu caso, primeiramente como estímulos; portas de entrada de um estado de criação em dança; mas também como uma espécie de âncoras; para que eu não me perca no fascínio puramente das imagens externas, mas continue atenta à escuta do meu próprio corpo; e o que ele próprio tem a dizer neste processo de criação.

Coloco-me então a investigar este corpo, o qual ousou chamar por ora de “*Corpo Criativo Somático*”; corpo este que é mote da criação e simultaneamente receptáculo e matriz disparadora de imagens outras que se entrelaçam no processo criativo, e em especial, uma fonte geradora das imagens míticas – Corpo e Mito - somática e criativamente envolvidos no processo de criação em Dança por meio da Técnica Klauss Vianna.

E tal hipótese de pesquisa acaba ganhando força ao meu ponto de vista quando me deparo com duas obras bibliográficas específicas – “*Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campbell*” de Stanley Keleman (2001); e “*Qual é o Corpo que Dança?*” de Jussara Miller (2012). Nestas duas obras pude encontrar subsídios teóricos consistentes para minha hipótese de relação entre os universos: mítico; imagético e corporal, pelo viés do pensamento de um corpo somático. Sendo que Keleman utiliza-se da chamada “*Terapia Somática*” dentro de um contexto de cunho mais psicológico sem exclusão do corpo; e Miller, aborda conceitos da Educação Somática e suas relações com a Dança. Mas em ambas as perspectivas há o reconhecimento de um corpo não fragmentável, o qual se pode chamar de corpo somático. E é a partir desta visão somática do corpo que iniciamos nossa jornada investigativa.

Neste contexto, aproprio-me, então, da abordagem somática de Stanley Keleman, e, mais precisamente, das valiosas relações que Keleman estabelece entre o corpo humano e a mitologia.

Para mim, mitologia é a poética do corpo cantando a nossa verdade celular. O mito é um poema sobre a experiência de ser corporificado e sobre a nossa jornada somática. É a canção da criação, a experiência genética que organizou um jeito de cantar, dançar, pintar, contar histórias, que transmitem essa experiência aos outros. (...) Sei que a experiência é um evento corporificado e o mito, como um processo organizador, é um modo de criar ordem a partir da experiência somática (KELEMAN, 2001, p. 17).

A experiência vivencial do corpo é tida por Keleman como o elemento chave para estabelecimento das relações pretendidas entre o corpo e a mitologia, dentro do contexto da “*Terapia Somática*” a qual ele dedica seus estudos. Apontando inclusive sua preferência inicial pela busca do corpo nos mitos do que de simbologias e significados.

A experiência corporal é a chave. A experiência do seu corpo. O contar histórias sintetiza a experiência somática. Organiza os elementos da experiência numa forma corporal que nos dá uma configuração pessoal, uma direção e até mesmo um senso de significado que você pode vivenciar. É por isso que eu insisto em procurar o corpo numa história, em lugar de procurar símbolos e seus significados. (Keleman, 2001, p.99)

Keleman chega a desenvolver o conceito de “*Corpar o Mito*”, localizando no corpo (em contrações, musculares, posturas, ações físicas) a expressividade de aspectos míticos, os quais podem ser reconhecidos pela consciência e vivenciados corporalmente. Ressalta-se que, nos propósitos da pesquisa em andamento, não há a pretensão de adentrar nesse âmbito de cunho terapêutico da vivência mítica. Não utilizaremos o método de “*Corpar o Mito*” de Keleman. Nossa via de trabalho corporal será também focada no corpo, no entanto fazemos nossa escolha pela utilização dos temas corporais da Técnica Klauss Vianna, tendo como objetivo investigar tal concepção somática como força potencializadora do processo de criação artística, mais especificamente, da criação em dança por meio da vivência corporal das imagens míticas advindas da própria experiência corporal.

O bailarino, ancorando-se no próprio corpo pode vir a experienciar tal via de mão dupla entre corpo e mitologia, explorando as possibilidades expressivas do corpo advindas das narrativas míticas; e também descobrir no

próprio corpo o mote gerador de tais temáticas universais. E no meu caso, as âncoras escolhidas para este mergulho tratam-se dos elementos encontrados na Técnica Klauss Vianna, acrescentando ao estudo dos temas corporais, a potência de geração de imagens presentes no próprio corpo; e o trabalho concomitante de corpo e imagem no processo de criação.

Se eu ousasse parafrasear Joseph Campbell, quando diz em “*O Poder do Mito*” que “*Mitologia é uma canção, a canção da imaginação inspirada pelas energias do corpo.*” (CAMPBELL, 1990), eu diria que a minha Dança é uma canção inspirada pela mitologia que encontro em meu próprio corpo; e como uma *Medusa ao Reverso*, vou dando vida, por meio do movimento expressivo aos pungentes mitos de pedra vislumbrados pelo meu olhar.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. *Joseph Campbell e o Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

KELEMAN, Stanley. **Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campell**. São Paulo: Summus, 2001.

MILLER, Jussara. **Qual é o Corpo que Dança?- Dança e Educação Somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

MILLER, J. & NEVES, N. **Técnica Klauss Vianna – consciência em movimento**. INLIX – Revista do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP), n.3, setembro de 2013.